

VOL I

# POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patrícia Vasconcelos Almeida  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2020

VOLI

# POR PALAVRAS E GESTOS

## A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patrícia Vasconcelos Almeida  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2020

2020 by Editora Artemis  
Copyright © Editora Artemis  
Copyright do Texto © 2020 Os autores  
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis  
**Edição de Arte:** Bruna Bejarano  
**Diagramação:** Helber Pagani de Souza  
**Revisão:** Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.  
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

**Editora Chefe:**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Organizador:**

Wilson Noé Garcés Aguilar

**Bibliotecário:**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Conselho Editorial:**

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P832 Por palavras e gestos [recurso eletrônico] : a arte da linguagem vol I /  
Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia  
Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-10-1

DOI 10.37572/EdArt\_101310720

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de  
Paula. II. Almeida, Patricia

CDD 469

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

## APRESENTAÇÃO

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1999, p.113).

A língua/linguagem, em sua essência, é constitutiva da espécie humana, uma vez que o homem - um ser de linguagem – constrói-se como sujeito por meio da relação dialética que estabelece com seus pares. Nessa relação, a palavra institui-se como ponte entre o “eu e o “outro”. Os fios discursivos, os diferentes modos de dizer e as múltiplas linguagens que se entrecruzam, se complementam e se orquestram.

Em uma sociedade cada vez mais plural e multicultural essas diferentes linguagens reverberam um modo de significar a realidade e expressam não só subjetividades, mas também identidades sociais e culturais. A presença de tecnologias variadas, mediando as interações e trazendo novas nuances para a produção, a difusão e a circulação do saber, requer um olhar cuidadoso sobre as práticas de leitura, de escrita e de oralidade, sobre os letramentos e sobre o ser humano e o conhecimento. Coloca, ainda, como imperativa a formação crítica do sujeito para atuar na contemporaneidade.

Nesse viés, o texto e o discurso, em suas diferentes abordagens epistemológicas, transcendem a primazia dada ao verbal e constituem-se como espaços de reexistência, e porque não de resistência e de batalhas? Assim, as várias vozes que se fazem presentes neste primeiro volume do livro *Por palavras e gestos: A Arte da Linguagem* brindam o leitor com pesquisas que discutem temas relevantes para os estudiosos da área que buscam a compreensão sobre intrincadas questões presentes na contemporaneidade. E, convidam o leitor ao diálogo.

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patricia Vasconcelos Almeida

## SUMÁRIO

### LETRAMENTOS E LITERATURA

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: LENDO E ESCREVENDO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA UNIDADE INTEGRADA WOLNEY MILHOMEM – CAIC	
Ana Patrícia Sampaio Pereira Geirlane Fontineles da Silva Martins Vanessa Gonçalves Candido Rodrigues	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107201</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA: UM ESTUDO SOBRE MEDIAÇÃO DE LEITURAS NO PROGRAMA VIVA A PALAVRA	
Vanusa Benício Lopes Claudiana Nogueira de Alencar	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107202</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
VOZES DE OUTRO GOLPE	
Laís Vidal de Negreiros Batista José Edilson de Amorim	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107203</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
OUTRO TRAJETO DA NARRATIVA OPERÍSTICA	
Gandhia Vargas Brandão	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107204</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
IMAGEM E ESTÉTICA: A HEGEMONIA HOLLYWOODIANA E SUAS FORMAS DE RESISTÊNCIA	
Johanna Gondar Hildenbrand Francisco Ramos de Farias	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107205</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
GOTA D'ÁGUA: TESSITURAS DIALÓGICAS COM O MITO DE EURÍPEDES	
Amanda Ramalho de Freitas Brito	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107206</b>	
<b>PRODUÇÃO ESCRITA</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
ANÁLISE DE PRODUÇÕES: UM ESTUDO DA ESTILÍSTICA LÉXICA	
Diná Tereza de Brito Suellen Arcanjo de Godoy	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107207</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 82**

O LUGAR DA ORALIDADE E DA ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENCAMINHAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Manoel Cândido Nogueira

Jocilene Mateus Amâncio

Maria de Fátima Araújo Silva

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107208**

**CAPÍTULO 9 ..... 92**

O JOGO CAMALEÔNICO DO ANÚNCIO PUBLICITÁRIO: IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS NA PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DO GÊNERO

Paula Silva Abreu

Mauriceia Silva de Paula Vieira

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107209**

**O DISCURSO SOB MÚLTIPLOS OLHARES**

**CAPÍTULO 10 ..... 106**

O DISCURSO NARRATIVO COMO RECURSO PARA OS SUJEITOS-ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS EXPRESSAREM SUA SUBJETIVIDADE

Josiane Aparecida de Paula Bartholomeu

Filomena Elaine Paiva Assolini

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072010**

**CAPÍTULO 11 ..... 119**

O DISCURSO DA COMUNIDADE SURDA EM REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA PARA A PRÁTICA DE ENSINO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CLASSES INCLUSIVAS

Flávia Pieretti Cardoso

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072011**

**CAPÍTULO 12 ..... 131**

INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO SURDO: ALGUNS SENTIDOS POSSÍVEIS

Lisiane Flores de Oliveira Strumiello

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072012**

**CAPÍTULO 13 ..... 139**

O DISCURSO TRANSFEMINISTA E O ABALO DAS EVIDÊNCIAS DO SEXO: REUNINDO REFLEXÕES A RESPEITO DA CISGENERIDADE

Beatriz Pagliarini Bagagli

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072013**

**CAPÍTULO 14 ..... 152**

SOBRE FALA, ESCUTA E ETIQUETA – ENCONTRO E DESENCONTROS COM MULHERES INDÍGENAS

Ivânia Maria Carneiro Vieira

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072014**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>164</b>
BIBLIOTECAS DIGITAIS, DIREITOS AUTORAIS E O COMPARTILHAMENTO DE MATERIAIS (NÃO) AUTORIZADOS NO ESPAÇO DIGITAL	
<a href="#">Natália Rodrigues Silva</a>	
<b>DOI 10.37572/EdArt_10131072015</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>177</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>178</b>



# CAPÍTULO 3

## VOZES DE OUTRO GOLPE

*Data de submissão: 18/06/2020*

*Data de aceite: 20/07/2020*

### Laís Vidal de Negreiros Batista

Universidade Federal de Campina Grande,  
Unidade Acadêmica de Letras  
Campina Grande – Paraíba  
<http://lattes.cnpq.br/0042425112015647>

### José Edilson de Amorim

Universidade Federal de Campina Grande,  
Unidade Acadêmica de Letras  
Campina Grande – Paraíba  
<http://lattes.cnpq.br/6524195105007515>

**RESUMO:** Dedicamo-nos no presente trabalho a refletir sobre a relação estabelecida entre a Literatura, no seu enquadramento narrativo, e a História. E o fizemos a partir das crônicas em “Revolução dos Caranguejos” de Carlos Heitor Cony (2004) e do conto de Moacyr Scliar intitulado “Mãe judia, 1964” (2004). Para tanto, abordamos a narrativa não só a partir das perspectivas do narrador, mas dos modos de se narrar a ponto da história se obliterar em detrimento da explanação reflexiva das personagens sobre os acontecimentos narrados – quando a subjetividade se evidencia em relação à história. Logo, nos valem de Friedman (LEITE, 1985) e de seus critérios para a determinação dos efeitos

provocados pela gradação de interferência do narrador em que pese sua apreciação e julgamento, a apresentação de fatos em detrimento de outros e as reflexões que suscita a partir dos eventos narrados até sua gradual discrição e total desaparecimento, em nome da verossimilhança. Adorno (2003), Barthes (1997), Cosson (2007), Schneider (2014), Forster (1974) emprestaram suas considerações a respeito da relação que o ficcional estabelece com o real, bem como definições a respeito da Literatura enquanto fulgor do real. Conduzidos por tais autores, visamos a conceber uma forma de apresentar a literatura, na figura do conto de Scliar, como fulgor do real e como instrumento de combate ao esquecimento rompendo-lhe as barreiras e fazendo irromper a produção de novas possibilidades de sentido no silêncio incontido das mordanças da repressão a fim de desvelar os cotovelos e vértices da memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Narração. Ditadura militar. Memória. Esquecimento.

### VOICES FROM ANOTHER COUP

**ABSTRACT:** We dedicate ourselves in the present work in to reflect about the relationship established between Literature, in its narrative framework, and History. And we did it from the

chronicles presented in Carlos Heitor Cony's "Revolução dos Caranguejos" (2004) (Crabs Revolution in english) and Moacyr Scliar's tale entitled "Mãe Judia, 1964" (2004) (Jewish Mother, 1964 in english). For this purpose, we approach the narrative not only from the narrator's perspectives, but from the ways of narrating until the point in which the history is obliterated due to the reflective explanation of the characters about the narrated events - when the subjectivity becomes evident in relation to the story. Thus, we use Friedman (Leite, 1985) and his criteria to determine the effects caused by the narrator's gradation of interference considering his appreciation and judgment, the presentation of facts considering others and the reflections that leads the narrated events from their gradual dispersion until the total disappearance, in the name of likelihood. Adorno (2003), Barthes (1997), Cosson (2007), Schneider (2014), Forster (1974) reported their considerations about the relation established between the fictional and the real, as well as definitions regarding Literature as a glow of the real. Conducted by these authors, we aim to develop a way of presenting literature, in the figure of Scliar's tale, as a glow of the real and as an instrument to combat the forgetting, breaking its barriers and resulting in the production of new possibilities of meaning in the unrestrained silence from the repression thread in order to unveil the elbows and vertices of memory.

**KEYWORDS:** Literature. Narration. Military dictatorship. Memory. Forgetfulness.

## 1 . INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de análise as crônicas em "Revolução dos Caranguejos" de Cony e o conto "Mãe judia, 1964", de Moacyr Scliar, que faz parte de uma série de textos publicados pela editora Companhia das Letras chamada "Vozes do golpe" (2004), uma reunião de narrativas organizadas com o objetivo de apresentar uma literatura ambientada na tensão política vivenciada nos chamados "anos de chumbo" da ditadura militar brasileira iniciada, através de um golpe de Estado, em 1964 e que perdurou até meados dos anos 1985. Mais do que isso, tenciona-se abordar a narrativa naquilo que lhe falta, nas "entre-narrações", - seja, as diferentes vozes que irrompem no narrar – nos deslizes narrativos, nos seus silêncios, nas rupturas e rasuras provocadas deliberadamente no texto com o intuito de denunciar o contexto histórico em que é ambientado. A análise é sustentada no exame do foco narrativo que consiste em empreender a relação entre ficção e realidade através dos pontos de vista nos quais as histórias são contadas. Logo, trata-se dos efeitos provocados pela gradação de interferência do narrador em que pese sua apreciação e julgamento, a apresentação de fatos em detrimento de outros e as reflexões que suscita a partir dos eventos narrados até sua gradual descrição e total desaparecimento, em nome da verossimilhança, entendendo que a verossimilhança é

a convergência do real, ou da realidade, dadas as condições sócio-históricas próprias da época em que a história se deu, na ficção (LEITE, 1985).

Considerar-se-á também – e, sobretudo -, a relação entre a Ditadura militar, contexto imediato do conto, e literatura. Isso porque conceituar literatura lhe emprestando noções definitivas e acabadas é homogeneizar um espaço sempre diverso e variegado de manifestações da linguagem. Enquanto manifestação humana através da linguagem, não podemos nos reportar a um traço que lhe seja peculiar, não podemos tratá-la “*como um discurso homogêneo, perdendo-se a possibilidade de apreender a pluralidade dos fenômenos que, como produção ou representação, são construídos no campo literário*” (COSSON, 2007, p. 72). Assim, queremos perscrutar o trato com a linguagem elaborada em favor da narração de acontecimentos na medida em que tenciona revelar os anseios, angústias e contradições humanas trazidas à tona por um ambiente político de repressão, daí tomarmos “Revolução dos Caranguejos” e “Mãe judia, 1964” como objetos de investigação. Isso porque consideramos o texto literário como um produto constituído – também – por fatos históricos, sobretudo diante de nossos objetivos em que o contexto de produção da narrativa se dá em momento de conflitos e tensões propiciados por um regime de exceção e repressão. Ora, ao considerar que “a literatura é o fulgor do real” (BARTHES, 1997, 17-18), a encaramos, na relação que estabelece com a História, como a materialidade por excelência das tensões político-ideológicas que impulsionam os acontecimentos. Logo, o autor-modelo – aquele que se põe a escrever, narrar ou versar uma história dada para qual converge uma projeção do leitor modelo a respeito da ideia do que seja um autor/escritor de romances, contos, poemas etc. – idealizado, deliberadamente, pelo empírico – a pessoa em si, o escritor, sujeito singular, físico, identificável – (ECO, 2010) procura exprimir “o que falta a um grupo social ou a um indivíduo e mostra, de maneira particular e não neutra, a versão que se quer contar, [...] a presença de uma [literatura] na outra [História]” (FLORÊNCIO, p. 31, 2019).

Acreditamos que a relevância em se debruçar na análise de narrativas ambientadas em momentos outros da História, em acontecimentos já desencadeados consiste em desvelar as mantas do esquecimento e atingir o que propomos chamar de *os vértices da memória*. Do mesmo modo que Florêncio (2019) em sua dissertação sobre as narrativas que (re)contam o genocídio em Ruanda, 1994, também nós aqui recortamos e desenvolvemos os pontos de vista narrativos que rompem as barreiras do esquecimento e fazem irromper a produção de novas possibilidades de sentido no silêncio incontido das mordanças da repressão.

### **Breve resumo das crônicas**

“A Revolução dos Caranguejos” é um compilado de crônicas que foram publicados nos exatos 40 anos de marco do Golpe Militar, com a representatividade

de homenagem e de necessidade de ler as obras pouco exploradas desse período. O livro conta os momentos cruciais que antecederam o Regime Militar. Sendo assim, há duas crônicas que foram analisadas em conjunto, são: “Da Salvação da Pátria” e “Compromisso e Alienação” marcadas pelo dialogismo, segundo Bakhtin.

Para Bakhtin uma situação dialógica é constituída ente um “eu” e um “tu”, para que exista o dialogismo esses agentes devem interagir por meio de enunciados sejam eles verbais ou não verbais. Além disso,

É evidente que o diálogo constitui um caso particularmente evidente e ostensivo de contextos diversamente orientados. Pode-se, no entanto, dizer que toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa. (BAKHTIN, 2006, p.101)

Dessa forma, em “Da Salvação da Pátria” no início da crônica o autor revela através de sua filha um fato extremamente importante, a menina chega correndo e relata no seguinte trecho que: “minha filha surge esbaforida dizendo que há revolução na rua”. Mas que tipo de revolução, seria essa? Posteriormente em outras crônicas essa revolução se revela como uma revolução de retrocesso, repressão e muita censura.

O autor descreve com certo desdém o fato de que o General pense que com apenas dois paralelepípedos conseguirá impedir os tanques do Primeiro Exército, o que chega a ser no mínimo risível. Por ironia do destino o autor revela que ouviu na rádio que aqueles dois paralelepípedos, pasmem, foram eficazes para que o Primeiro Exército batesse em retirada, o que deixa claro que o que estava acontecendo na verdade não passava de um Golpe dos Militares.

A massa declara que estão todos salvos, a Pátria está salva... mas salva de que? Ou melhor de quem? Mal sabiam eles que apenas os poderosos ganharam a batalha, que de certa forma se quer existiu.

Na crônica, sua filha pergunta se é carnaval, diante de toda a festa que invadiu o bairro de Copacabana, e seu pai a responde que não, e os dois ficam sem saber o que irá acontecer com o futuro o país, a menina guardada em sua inocência e criança e o pai recolhido, sentido na boca um gosto azedo de covardia... mas o que poderia ter feito para mudar a situação? Momentos difíceis chegariam.

A partir desta crônica jornalística, nota-se a mudança que ocorre na voz do cronista, ele que não se interessava por política e de fato não havia escrito nada muito específico acerca da temática, sente-se obrigado a exercer seu papel de cidadão, enquanto jornalista, para informar a população do que de fato estava ocorrendo no cenário político brasileiro da época.

Já em “Compromisso e Alienação”, Cony, mais irônico do que nunca, discorreu acerca de como a mídia selecionava as informações com o intuito de alienar a

população; segundo o autor, “(...) não fiz política. Fiz o que sempre pretendi fazer: dei o meu testemunho.” Cony não foge da luta e afirma em sua crônica que sabe pegar em um fuzil e sabe para que lado deve atirar.” O autor assume uma postura revolucionária com a nação e em um trecho da referida crônica afirmou que, “Acima de qualquer compromisso para com a Pátria ou para com o povo, tenho um compromisso que continuarei sendo o que sou – independentemente do aplauso, da vaia, da glória ou da miséria.”

O cronista escreveu esta crônica no calor do momento, em um contexto de ditadura militar, estava sendo duramente criticado por seus leitores assíduos, que tinham em seus textos o sabor da resistência, Cony escrevia com sinceridade e não permitia que a “quartelada” o censurasse, apesar de sofrer perseguição por falar a verdade em suas crônicas, o jornalista não se calou e escreveu “Compromisso e Alienação”. Alguns o julgaram de alienado, mas para o autor, “Muitos que hoje me interpelam ou censuram, chamando-me de alienado, ficaram escondidos em armários e jogaram no lixo seus livros e seus manifestos.”

Em seu discurso, o cronista relata a posição de seus leitores para com ele,

Alguns leitores andam surpreendidos ou magoados pelo fato de não ter este maledicente escriba continuando a escrever crônicas sobre a situação política. Atribuem-me barganha, medo ou arrependimento. Sou interpelado na rua, pelo telefone e, além de interpelado, sou às vezes provocado. (p.70)

Através de suas crônicas, e do contexto político da época, o autor afirma que, “Mas, hoje há cintilantes escribas em todo o País, há políticos profissionais e amadores, há donas de casa e estudantes que já fazem a mesma coisa, e com maior brilho: dão o seu testemunho. Apontam os erros e os enganos da quartelada.”. Para o autor este é o melhor retorno que um jornalista pode receber, alertar a população e perceber que consegue surtir efeito por meio de seu discurso.

### Breve resumo do conto

“Mãe judia, 1964” conta a história de uma senhora judia que, após enlouquecer, narra à imagem da Virgem Maria, presente numa capela miúda e simplória da própria clínica em que se encontra, sua história marcada por traumas familiares, sociais, conjugais, religiosos, políticos e psicológicos. No entanto, essa é a narrativa que se encontra no interior de outra narrativa, “narrativa em moldura”, uma vez que narrado em primeira pessoa, a contar alguns eventos particulares que se deram após a formatura no curso de Medicina. Até que ponto tal relato corresponde a eventos que de fato lhe ocorreram não se pode, é claro, atestar. O caso é que, após a festa de formatura, o narrador-personagem se vê diante de um término de relacionamento no mesmo momento em que se tornara “profissional sério”, no mesmo ano do golpe militar. Três gatilhos que, direta e indiretamente, guinariam sua vida para as devidas direções e, por isso, a tripla reincidência na afirmação resignada de que aquele ano,

o enfático e fatídico ano de 1964, começara mal: “*Começava mal, **aquele 1964.** Começava muito mal, **aquele 1964.** Não podia ter começado pior, **aquele 1964**” (SCLIAR, 2004, p. 9.) (Grifo nosso).*

Uma namorada que, de repente, sem apresentar qualquer tipo de justificativa ou qualquer traço de comoção diz estar indo embora “e para sempre” o faz passar algum tempo deprimido, de modo que o golpe militar, afirma, não chegou a mexer muito com sua vida. Nunca fora afeito à política, fato que lhe fazia ser apontado pelos colegas de faculdade como “alienado” e “inocente útil”. Essa menção inicial ao contexto do golpe, embora soe como detalhe desprezioso, sutilmente nos condiciona a tomar parte de um ambiente de tensão política não explicitada, mas muito presente nas linhas do texto. De modo que o primeiro emprego que lhe surgiu, na “Clínica Renascença”, no bairro “Menino Deus”, em Porto Alegre – cenários e lugares cujos nomes os fazem se envolver em torno de elementos que resgatam sentidos de ordem religiosa e que também impregnarão todos as linhas do conto -, foi conseguido após uma entrevista com a doutora Lucrécia, “*de traços enérgicos e temperamento idem*”. Uma pergunta, durante a entrevista, intriga narrador-personagem e o leitor. Algo sobre um orador que, durante um discurso de formatura, realizou um “*pronunciamento em favor de um Brasil socialista*”. Não sem propósito, realizada de supetão, a pergunta queria extrair do futuro funcionário seu posicionamento político, revelando um ambiente em que as instituições brasileiras, de todas as naturezas, ao que parece, estavam envolvidas num profundo clima de tensão política em que revelar esse posicionamento era como revelar um traço do caráter.

Lucrécia, mulher de altas ambições, externa o sonho de desenvolver uma pesquisa grandiosa, que lhe alçasse a uma posição de prestígio no interior da comunidade científica internacional. Essa foi a razão pela qual o narrador a ajuda a implantar um gravador na imagem da Virgem que reiteradamente escutava os lamentos, confissões e lamúrias da judia ensandecida, ponto em que a perspectiva da narrativa é reconfigurada, reposicionada para tomarmos ciência de outra história – uma segunda voz a narrar. Trata-se do foco narrativo centrado no personagem que, ao contar sua história e os eventos que a traumatizaram, emprega suas apreciações, julgamentos e reflexões diante de questões e dilemas pertinentes a todos os seres humanos vivendo em sociedade. Logo, trata-se de narrativa destituída de isenção e imparcialidade. A senhora judia tece considerações a respeito da vida na medida em que conta sua história, desde a paixão pelos livros, uma espécie de fuga da realidade, até seu casamento de núpcias traumáticas e frustradas, bem como a maternidade e a tensa relação com o filho, Gabriel, jovem de verve revolucionária e personagem em cuja história se desenvolverá a relação com o contexto histórico de repressão da ditadura, uma repressão obliterada, mas densamente presente.

## 2 . MATERIAIS E MÉTODOS (OU METODOLOGIA)

Tencionamos elucidar a relação entre os movimentos de narração – no que concerne ao foco narrativo – e o contexto de produção socio-histórico da Ditadura Militar brasileira analisando trechos do conto “Mãe judia, 1964”, de Moacyr Scliar. Para tanto, nos valeremos da tipologia narrativa sistematizada por Norman Friedman (LEITE, 1985). Ao tratamento do narrador, Friedman tece considerações que giram em torno da resposta a algumas questões basilares, quais sejam (i) quem conta a história? Trata-se de um narrador em primeira ou em terceira pessoa? de uma personagem em primeira pessoa? não há ninguém narrando?; (ii) de que posição ou ângulo em relação à história o narrador conta? (por cima? na periferia? no centro? de frente? mudando?; (iii) que canais de informação o narrador usa para comunicar a história ao leitor (palavras? pensamentos? percepções? sentimentos? do autor? da personagem? ações? falas do autor? da personagem? ou uma combinação disso tudo?); (iv) a que distância ele coloca o leitor da história (próximo? distante? mudando?)? (op. cit. p. 25). Assim, retiraremos excertos da narrativa na busca por responder a tais questionamentos a fim de angariarmos dados suficientes para entender os movimentos da narração e, depreender os sentidos presentificados pela falta, pelos silenciamentos, pelas rupturas sugeridas, ou mesmo inferidas, da relação enredo-trama-ambiente. Relação esta impossível de se conceber termo a termo, uma vez que fazem parte do corpo narrativo, numa simbiose regida pela perspectiva narrativa que determina aquilo que é possível ou não contar.

À análise juntaremos algumas considerações teóricas, como a relevância de se contar tais histórias para salvaguarda da memória de um passado nebuloso, tenso, repressivo, na contraposição ao esquecimento (FLORÊNCIO, 2019). Também conciliaremos noções emprestadas de Shneider (2014) e dos autores por ela movimentadas a fim de refletir sobre a relação que a literatura mantém com a realidade, na promoção da verossimilhança – a ficção como simulacro das invisíveis tessituras da realidade.

## 3 . DESENVOLVIMENTO

À literatura não são poucas as definições empregadas. Muito se tem dito sobre manifestação artística, alegoria do real, representação dos fenômenos sociais que atestam a condição humana. Fotografia, mímesis, simulacro. No entanto, enfatizando tais traços, deixaríamos relegados a um nível inferior de importância os aspectos formais, o trato com a linguagem, a materialidade constitutiva da alegoria. A metáfora ideal, uma palavra por outra oriunda do olhar sensível e perspicaz do autor na busca inquieta pela paráfrase fundamental. É neste ponto que queremos tocar. O ponto em

que os elementos constitutivos da linguagem, da estrutura, da composição se ligam à realidade, mas não se confundem com ela, se (re)configuram num mesmo corpo representativo e permitem aos homens reflexões estrangeiras, alheias – a partir de perspectivas outras.

Não queremos tecer conjeturas a respeito do que seja a literatura, de empregarmos definições, de enquadrá-la a partir de preceitos sustentados por autores consagrados numa cronologia elaborada a partir de finalidades e objetivos listados a priori, mas abordar um de seus anseios, uma de suas pertinências, um de seus propósitos – o da denúncia, o de ser porta-voz da liberdade, o de expor o interdito.

Para o atendimento, mínimo, de nossos propósitos, faz-se necessário empreender considerações teóricas a respeito da relação que o ficcional estabelece com o real. Neste ponto, segundo Barthes (1997), “a literatura é o próprio real”, isso porque consegue resgatar memórias – saberes - de modo a lhes empregar novas roupagens, novos sentidos. A literatura atesta conhecimentos pertinentes às áreas do saber humano e se afixa às condições históricas e sociais de quem a produz na mesma medida que tomam novas percepções e sentidos para quem a lê. É atemporal, portanto. Nas palavras do autor:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusóé*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico [...] É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real (op. cit. p. 17-18).

Esse fulgor, no entanto, é representativo, uma alegoria, uma metáfora das relações que, de fato, vivenciamos. Mas essa incompletude é constitutiva dos anseios e propósitos do homem ao fazer literatura. A literatura não só retrata, mas esmiúça a realidade, a descentra, a recorta, a redimensiona. Os narradores têm o poder de reconfigurar os eixos temporal e espacial. Os personagens, construídos, espelham o interiorizado, o escondido, o opaco. Foi nesse sentido que Forster (1973) concebeu a ideia de *homo fictus*, o homem criado pela ficção, o representativo das nossas contradições, o mimético por excelência:

Geralmente nasce, é capaz de morrer, requer pouco alimento ou sono, está incansavelmente ocupado com relações humanas, e – o mais importante – podemos saber mais sobre ele do que sobre qualquer dos nossos semelhantes, porque seu criador e narrador é um só. Estivéssemos preparados para uma hipérbole, a esta altura, poderíamos exclamar: Se Deus pudesse contar a história do Universo, o Universo se tornaria fictício. [grifo nosso] (FORSTER, 1974, p. 43).

Os personagens são desenvolvidos “a nossa imagem e semelhança”, vivenciam nossas angústias, estabelecem as mesmas relações, congratulam-se nas efêmeras felicidades e suplicam misericórdia na desventura. Ainda, temos acesso ao seu íntimo, suas contradições e à mixórdia de pulsões que os guinam e os refreiam. Extrapolam nossa experiência, uma vez que deixam entrever o imaterial que (n)os movimenta.



Interessam-nos, quando nos entretemos na análise da narrativa de “Mãe judia, 1964”, as tensões que acima chamamos imateriais e que nos movem. Tais tensões são propiciadas pelo relacionamento das personagens com o ambiente social e histórico em que se substancializam os sentidos, novos e antigos, evocados e re-significados. A responsabilidade de manter verossímil a relação entre personagem e ambiente é do narrador, que pode ser de vários tipos, na medida em que modela os enquadramentos, que enfatiza acontecimentos em detrimento de outros, que seleciona as imaterialidades que devem vir à tona e aquelas que devem ser silenciadas, passíveis apenas de sensíveis inferências. Deste modo, devemos levar em conta os efeitos provocados pelo ponto de vista do qual a história é contada. Para muitos teóricos a interferência ou não do narrador através de seus julgamentos e apreciações é aspecto com o qual os analistas devem tomar especial cuidado. Para Henry James e Percy Lubbock, a presença do narrador no desenvolvimento dos acontecimentos narrados deve ser discreta, cabendo-lhe “mostrar” ou apresentar “cenas” em detrimento de “narrar”, o que pode vir a “sumariar” a história, destituindo-a de detalhes e outros acontecimentos miúdos, cuja falta seria consequência da interferência “artesanal” do narrador (LEITE, 1985, p. 14). Booth (1980), em resposta à Lubbock, argumenta que inúmeras maneiras existem para se contar uma história e que tal escolha não recai na preocupação com a verossimilhança, nem na busca sôfrega pela narrativa ideal, mas “dos valores a transmitir e dos efeitos que se busca desencadear” (LEITE, 1985, p. 17).

Queremos com tal discussão procurar perceber quais os efeitos provocados pela relação do narrador com o enredo ou como a mudança de perspectiva a partir da qual se narra uma história interfere na própria história. De forma ainda mais restrita, procurar compreender a relação entre a narração e a própria história. Neste sentido, segundo Lefbeve (1976), quando a narração (ou discurso) e a história (ou diegese) estão equilibradas, ou seja, quando uma não se sobressai à outra, é sinal que a perspectiva pela qual a história é narrada está situada “por detrás”, com narrador onisciente, conhecedor de todos os aspectos físicos e sentimentais das personagens, dos intempestivos dos acontecimentos passados e futuros e ciente das intenções que perpassam cada gesto, cada dizer, cada silêncio. Seria como um Deus que tudo sabe e tudo vê. Quando a narração se sobrepõe à história, os efeitos de perspectiva são outros: a história se reveste de uma versão particular que se mistura com os saberes singulares de uma personagem que impregna toda a história com os seus pré-construídos. Denotam-se as sensações particulares, embora universais, em detrimento do que se pode apreender dos acontecimentos e ações: o interior é mais importante que o exterior (op. cit. p. 20-21). Logo, as nuances que conduzem o desenrolar dos acontecimentos ganham contornos distintos a depender do foco narrativo.

No caso de “Mãe judia, 1964”, as perspectivas de narração têm dupla voz. Num primeiro momento, o personagem, como numa espécie de testemunho, apresenta os eventos que contextualizam outra história, introduzida, que interrompe a primeira. Uma espécie de hiato. Daí a impressão de querermos saber do resto da história iniciada e pausada por outra, a história do primeiro “eu” que toma a palavra. Embora tenhamos apenas as apreciações dos personagens e saibamos dos ocorridos através de seus olhares, essa mudança de ponto de vista, essa troca de voz nos dá a impressão de que existe uma história geral propiciada pelos eventos políticos que possibilitaram acontecimentos semelhantes aos testemunhados pela mãe judia e seu filho Gabriel no entorno daquele 1964. Daí a necessidade de compreendermos a relação que o real estabelece com o ficcional, e mais, a literatura enquanto ferramenta que vetoriza os vértices da memória, que reacende os fulgores do real há muito vivenciados. Concebemos, portanto, o texto literário evidenciado o contexto histórico em que foi produzido, enquanto documento que registra não só acontecimentos, mas os anseios e tensões humanas pertinentes a um dado período de tempo – um artefato sócio-histórico.

Sobre essa questão, faremos emergir para melhor compreensão o fato de que as narrativas contemporâneas atuam num nível maior de subjetividade ao fazer se sobressair a narração em detrimento da história, como aborda Adorno (2003 *apud* FLORENCIO, 2019) a respeito dos romances realistas:

De fato, os romances que hoje contam, aquele em que a subjetividade liberada é levada por sua própria força de gravidade a converter-se em seu contrário, assemelham-se a epopeias (sic.) negativas. São testemunhas de uma condição na qual o indivíduo liquida a si mesmo, convergindo com a situação pré-individual no modo como um dia esta pareceu endossar o mundo pleno de sentido (ADORNO, 2003, p. 62).

O emprego ou não da subjetividade narrativa, ou melhor, do autor-modelo que tece seus julgamentos a respeito de uma realidade objetiva, interiorizando primeiro os acontecimentos históricos para depois externá-los, provocando efeitos distintos daqueles em que “o indivíduo liquida a si mesmo”. A narrativa dos acontecimentos, por vezes, é quebrada, rompida, paralisada para que o narrador traga à tona abstrações que dizem respeito a memórias outras resgatadas para compleição singularizada da história contada, o que faz mergulhar o leitor num processo semelhante de resgate de suas próprias experiências enquanto coprodutor de sentido. Isso se dá porque tanto autor quanto leitor, a seu modo, leva em conta, ainda que não se dê conta, do contexto social, cultural e político de produção da narrativa e da história – já que aqui, para os nossos propósitos as estamos distinguindo. Projetamo-nos no mundo em que a história se desenvolve – por exemplo, num contexto de repressão política propiciado por uma ditadura – e estabelecemos conexões com base nas memórias resgatadas pela história e com base nas experiências contemporâneas de nossa vida em sociedade, em que tudo é “ilusório”, fugaz, efêmero, “líquido” (BAUMAN, 2005).

Assim, cabe-nos mediar a análise nos movimentos de narração perpetrados para o desenvolvimento da história a fim de depreendermos as rupturas de memória implícitas, passíveis de inferência. Aquilo que se esconde entre o ver, viver, testemunhar e o imaginar, sonhar e desejar.

## 4 . RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Os movimentos da narração que desvelam a memória

Vimos se tratar a literatura de um espaço privilegiado para a exposição dos dilemas humanos, enquanto “fulgor do real”. Daí ressaltarmos a discussão que provém da relação entre Literatura e História enquanto aprofundamento de outra discussão: a que estabelecemos entre realidade e ficção. Ora, a literatura fulgura a realidade na medida em que trabalha os saberes e práticas estabilizados e reproduzidos por um dado grupo numa dada conjuntura social, ou seja, mobiliza, estabiliza e, com o passar do tempo, desvela memórias.

Em “Mãe judia, 1964”, Moacyr Scliar confere um clima de apreensão aos acontecimentos narrados ao inscrevê-los num plano tempo-espaço bastante específico, ao referir os dilemas das personagens ao ambiente sócio-político do início da Ditadura Militar brasileira. Um trecho de tempo-espaço é recortado para fazer nascer uma história fulgurante, mimética, verossímil. Por isso, destacamos o presente trecho:

Começava mal, **aquele 1964**. Começava muito mal, **aquele 1964**. Não podia ter começado pior, **aquele 1964**.

Passei meses deprimido, sem saber o que fazer e tão alheado que o golpe militar nem chegou a mexer muito com minha vida. Política, em realidade, nunca me interessara muito; eu votava por obrigação e sempre ao acaso; na faculdade era apontado como alienado pelo pessoal de esquerda e inocente útil pelo pessoal de direita [...] **Agora, porém, esse desligamento tornava-se preocupante**: para meus pais, que moravam no interior e passaram a telefonar diariamente, e para meus amigos [grifo nosso] (SCLIAR, 2004, p. 8).(Grifo nosso).

A tripla menção ao ano em que a história se desenvolverá, obviamente, não é à toa. O autor quer marcar o período e convida o leitor a resgatar as memórias que conferem sentido a esse ano, uma vez que não é um ano qualquer. Trata-se “daquele” 1964, temos o pronome demonstrativo e definido que aponta para algo bastante determinado: dentre todos esses, aquele. A carga histórica é resgatada com a expressão “aquele 1964”, o que não aconteceria, ou, antes, não teria o mesmo efeito, se o autor usasse, por exemplo, “em 1964”. O pronome funciona como um advérbio, modificando os sentidos evocados pelo numeral. A história a ser narrada é afetada pelos acontecimentos *daquele* 1964, ano da transformação conjuntural, ano do golpe. Em seguida, o contexto imediato da tensão política emanada pelo regime ditatorial toma espaço onipresente na narrativa com “*Agora, porém, esse*

*desligamento tornava-se preocupante*". Os advérbios temporais não só situam no tempo, como estabelece os limites das conjunturas históricas. *Agora*, não *antes*; neste exato momento da História cujo fulgor é retratado enquanto produto do ficcional no real. Da mesma maneira, o verbo "tornar" nos remete a algo que era de certa forma – conjuntura primeira – e passou a ser de outra forma – acontecimento, transformação da conjuntura. A "preocupação" mencionada se torna perene e percorre todas as linhas do texto. Há uma preocupação em esclarecer que é esse agora da ficção o cenário decisivo e preponderante para o desenvolvimento dos acontecimentos que advirão.

A literatura enquanto vetor da realidade se apropria da memória, das formas de recordação, do conjunto de saberes compartilhado por uma comunidade social num dado momento da História e a reproduz naquilo a que chamamos cenário ou contexto (NORA, 1993). Trata-se, portanto, dos *vértices da memória* – como propomos chamar – atingidos pelo fazer literário. O ficcional verdadeiramente fulgurante desvela o esquecido no transcorrer do tempo, expondo os fatores sociais, políticos e culturais próprios de um tempo-espço que possibilita a verossimilhança requerida pela história.

Tentemos demonstrar tais conceitos através do conto "Mãe judia, 1964". Ao trabalhar a personagem Lucrécia, Scliar desvela relações políticas que estabeleceram as bases para o desencadeamento da ditadura militar brasileira: a sua vertente conservadora e liberal, em que políticos e empresários estão sempre imbricados. Sobre Lucrécia: "*Seus objetivos eram maiores e exigiam contatos com figuras importantes. Usava sua condição de diretora da clínica para aproximar-se de figurões – políticos, por exemplo, mas também empresários*" (SCLIAR, 2004, p. 14). Políticos e empresários são classes diretamente envolvidas com o poder, fato atraído pelas ambições alimentadas pela personagem. Assim, a história desvela o conjunto de saberes e práticas, de noções e comportamentos – resgatados dos vértices e cotovelos da memória – próprios dos sujeitos afeitos aos anseios da elite brasileira.

Deste modo, a primeira voz da história, aquela em que autor empírico e modelo se misturam, impregna o monólogo da *mãe judia* (como escolhemos chamar a personagem) de dilemas universais da vida em sociedade que ganham corpo e se (re)significam ao se considerar a conjuntura sócio-política da ditadura. O fato de a personagem central ser judia – e lhe conferimos tal centralidade pelo fato de ser ela a responsável por nos apresentar a história não à margem, mas de frente para os fatos (FRIEDMAN) – possibilita à história trabalhar com noções sempre em oposição – dilemas – embora não termo a termo, de forma programada, padronizada. A loucura, a política, a religião, a família e a moral – esta última impregnada do político – se envolvem num clima de apreensão que contamina a narração da personagem de inquietude e sofreguidão. Tais relações são envolvidas numa espécie de *racional*

## *frenesi* no diálogo que a personagem empreende com a imagem da Virgem:

Talvez isto não te agrade muito, mas desisti das esferas superiores, aquelas nas quais vives e que me parecem distantes, inacessíveis. Vamos resolver as coisas por aqui mesmo, decidi. Fiquei mais prática, sabes? Mais prática. Deus não é importante, concluí; comida é importante. Troquei o sublime pela realidade. E, apesar de estar em tua presença, devo dizer que não me arrependo. Fiquei prática. Prática e louca. Estranhas essa combinação? Mas esta é a vantagem da loucura: dá pra combinar com qualquer coisa [...] Tua santidade, francamente, não me interessa (SCLIAR, 2004, p. 24).

A narração se sobrepõe aos acontecimentos, à história. As apreciações da narradora-personagem – protagonista - ganham destaque, refletem sobre o lugar do divino representado pelas esperanças depositadas nas “esferas superiores” sempre alheias, em detrimento do lugar do homem e seus dilemas, atados ao chão, ao inferior: sublime versus realidade, tendo a loucura como elemento a balizar esse enfretamento, do mesmo modo que posteriormente balizará a relação entre a fé e o conhecimento na afeição que a personagem toma pelos livros, na busca pela revelação não encontrada no divino.

Valendo-se dos critérios analíticos de Friedman, temos uma personagem a narrar em primeira pessoa, cuja posição em relação aos acontecimentos é frontal, ou antes, central, uma vez que narra os acontecimentos que lhe ocorrem e não a outrem, um narrador-protagonista, portanto. “Narra de um centro fixo limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 1985, p. 43). Deste ponto de vista, segundo o teórico, o leitor acaba por se distanciar da história. Isso porque os acontecimentos se revestem das percepções da protagonista. No trecho que destacamos, por exemplo, não se tem fatos da história narrados além de uma mudança de comportamento da personagem entremeada pelas razões de tal mudança. Temos acesso ao consciente da personagem, sondamos seu estado psicológico, enxergamos através de suas retinas e, por isso, o leitor acaba por ter uma compreensão da história contaminada pelas percepções da personagem. Somos conduzidos por seu frenesi, pelo fluxo com que suas memórias vão desvelando os fatos. Deste modo, é a Literatura que se apropria da História, não com uma abordagem factual através da menção direta aos acontecimentos históricos, mas somos reconduzidos, enquanto leitores, à atmosfera responsável por envolver as personagens nesse estado de constante apreensão propiciada pela ciência de que a conjuntura, o contexto imediato e material da história, é um regime de exceção. Ficamos afeitos, portanto, ao limiar dos acontecimentos, posicionados num entre-meio, nas rupturas do narrar – aquelas propiciadas pela intromissão de uma consciência restrita à sua própria subjetivação ao passo que contaminada pela conjuntura sócio-política. A ditadura se encontra no inter-dito, na transparência da mãe convulsionada que rememora a sua vida para entender a tragédia que acontecera ao filho.

O político, sutilmente, atravessa as lembranças narradas pela mãe judia. Após contar os dilemas e traumas da sua vida de casada frustrada – ao menos inicialmente –, ela e o marido encontram a salvação de sua união na projeção da concepção: fruto salvador. Como essa, outras alusões à história de Jesus contada nos evangelhos são articuladas pelo autor a fim de introduzir a sempre presente relação do divino com o real – os percalços da Virgem e seu Filho são frequentemente encontradas cá embaixo, ao rés do chão. No trecho a seguir, seu filho, Gabriel, revela os primeiros traços daquilo que resultaria na sua desgraça: conceber uma sociedade pautada em princípios de bem comum numa conjuntura que abomina indivíduos que regam em si e propagam tais ideias:

Puxou a nós, o Gabriel. Gostava de ler. Às vezes sentávamos os três na sala, cada um com seu livro. Mas ele e Samuel liam; eu não. Devo confessar que ler me interessava cada vez menos. Eu preferia ficar observando disfarçadamente o meu filho. Minha única leitura agora eram as composições dele. Que sempre me deliciavam, mas que, com o passar do tempo, foram me deixando preocupada. Comecei a encontrar ali coisas estranhas, certas palavras, certas expressões. “Injustiça social”, por exemplo. A troco de quê um menino de oito anos haveria de falar em injustiça social? (op. cit. 55).

A composição da tensão fica a cargo das peças que são articuladas pelas reflexões da personagem que tece suas considerações, julgamentos e apreciações do que narra e conta a história. As condicionantes de natureza política são decisivas para o desenvolvimento dos acontecimentos históricos, mas ocorrem de forma trivial no conto, como se fossem informações acessórias. A tensão que extrapola o vivido pelos personagens, alcança-nos pelos resgates de sentidos que realizamos ao associar ideias comunistas num contexto de Ditadura e é isso que nos fica. É a Literatura se apropriando da História impedindo que tensões calcadas na interdição de liberdades individuais caiam no esquecimento.

## 5 . CONCLUSÃO

Percebemos que Cony (2004) assume uma relação política em suas crônicas e desempenha uma função de denuncia social em sua obra, através de uma escrita extremamente crítica e em certo aspecto chegando a ser cômico. Analisando sua estética literária é possível notar seu teor jornalístico.

Os cotovelos e vértices da memória configuram, na verdade, o esquecimento. A literatura enquanto fulgor da realidade desdobra o passado e apresenta (re)leituras dos fatos a fim de extrapolá-los. “Mãe judia, 1964”, é uma história da e sobre a Ditadura. Nela temos acesso antes à subjetividade da personagem protagonista que conta não a nós, mas à Virgem a sua história, desdobrando-se em reflexões que fulgura um estado de consciência interferido, contaminado, possibilitado pela conjuntura sócio-política da repressão.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Notas de literatura**. Tradução: Jorge de Almeida. São Paulo: Duas cidades/ Editora 34, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da Criação Verbal. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997. cap. p. 279-326.

BARTHES, Roland. **Aula** – aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CONY, Carlos Heitor. **A revolução dos caranguejos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970**. Brasília: Editora UnB, 2007.

FRIEDMAN, Norman. Point of View in Fiction, the development of a critical concept. In: STEVICK, Philip, ed. **The Theory of Novel**. New York, The Free Press, 1967.

FLORÊNCIO, Jéssica Rodrigues. **O genocídio na narrativa de *Le Livre d'Élise***: literatura, memória e história no ensino de francês como língua estrangeira. 2019. 145f (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, =: Campina Grande, 2019.

FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1974.

LEFBEVE, Maurice-Jean. **Estrutura do discurso da poesia e da narrativa**. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

LEITE, Lígia Chiappini Morais. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC, n.10, p. 07-28, dez. 1993. Tradução: Yara Aun Koury.

SCHNEIDER, Sabrina. Ditadura militar e literatura “parajornalística” desconstruindo relações. In: DALCASTAGNÈ, Regina; VECHI, Roberto. (Orgs.) Rev. Estudos de literatura brasileira contemporânea: **literatura e ditadura**. n. 43, Brasília, jan./jun. 2014.

SCLIAR, Moacyr. **Mãe Judia, 1964**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Mauriceia Silva de Paula Vieira** - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós-graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

**Patricia Vasconcelos Almeida** - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós-graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

A cartomante 39, 46, 47, 48

Análise de Discurso 105, 106, 107, 118, 131, 138, 143, 148, 164, 175

Anúncio 8, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Aspectos Estilísticos 70, 79

### B

Bibliotecas Comunitárias 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23

Bibliotecas digitais 9, 164, 165, 166, 167, 171, 172, 173, 174, 176

### C

Cinema 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61

Círculo de leitura 18, 19

Comunidade Surda 8, 119, 120, 121, 125, 128, 129, 137

### D

Dialógico 60, 65

Direito de Expressão 152, 159

Ditadura militar 21, 24, 25, 26, 28, 30, 34, 35, 38, 62

Drama moderno 60, 61, 64, 65, 68, 69

### E

Escrita 6, 7, 8, 1, 3, 4, 5, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 37, 41, 43, 45, 54, 62, 66, 70, 73, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 98, 106, 107, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 124, 125, 127, 167, 175

Escrita e oralidade 82, 83

Estética 7, 37, 38, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 80, 130

Etiqueta 8, 152, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

### F

Feminismo 139, 141, 142, 143, 148, 150

### G

Gênero 8, 41, 42, 57, 64, 81, 91, 92, 96, 97, 99, 101, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 151

### I

Implicações pedagógicas 82, 83, 85

Inclusão escolar 8, 128, 131

## L

Leitura e escrita 1, 3, 5, 9, 14, 15, 22, 76, 106

Libras 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 136, 137

Língua Portuguesa 8, 9, 40, 71, 72, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 91, 117, 119, 120, 122, 125, 126, 130, 177

Lúdico 5, 6, 12, 110, 111, 117, 147

## M

Memória 20, 24, 26, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 49, 51, 80, 106, 109, 114, 115, 116, 118, 141, 144, 147, 149, 158, 166, 175

Mulheres Indígenas 8, 152, 153, 154, 159, 160, 161, 162, 163

Multimodalidade 92, 93, 94, 96, 97, 100, 104, 105

## N

Narração 24, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 55, 56

Narrativa musical 39, 40, 45

## O

Opera 39, 40, 156

## P

Prática de Ensino 8, 119, 122, 126

Práticas de leitura 6, 5, 13, 14, 15, 18, 19, 22

Produção Textual 70, 71, 72, 73, 76, 78, 90, 91, 130

Psicanálise 106, 107, 111, 117, 132

Publicidade 52, 55, 92

## R

Resistência 6, 7, 13, 21, 22, 28, 49, 51, 53, 54, 56, 58, 135, 139, 140, 144, 147, 148, 149

## S

Subjetividade 8, 24, 33, 37, 49, 51, 67, 106, 107, 110, 115, 117, 139, 149, 155, 156

Surdo 8, 120, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

## T

Tragédia 36, 41, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 77

Transexualidade 139, 145, 146



**EDITORIA  
ARTEMIS  
2020**